

# Gradiência das transposições ortográficas na escrita de crianças do Ensino Fundamental I

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3307>

**Laurenço Chacon<sup>1</sup>**  
**Mirian Verza Amarante<sup>2</sup>**

## Resumo

Foi investigada a distribuição das transposições ortográficas na escrita infantil, conforme ocorressem sob forma de permutas, transposições intersilábicas e transposições intrassilábicas. Para tanto, foram analisadas 63 produções textuais de crianças do Ciclo I do Ensino Fundamental. Os resultados mostraram: (1) predomínio de acertos sobre os erros de transposições; e (2) predomínio das transposições intrassilábicas sobre as intersilábicas e as permutas. Esses dois tipos de predomínio mostram: quanto a (1), a importância de se verem os erros ortográficos não em si mesmos, mas em sua relação com os acertos ortográficos; e quanto a (2), a maior proximidade das transposições intrassilábicas com o acerto, já que elas envolvem o deslocamento de apenas um grafema no interior de uma mesma sílaba da palavra, enquanto as intersilábicas envolvem um grafema e duas sílabas e as permutas dois grafemas e duas sílabas da palavra.

**Palavras-chave:** transposições ortográficas; escrita infantil; sílaba.

---

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; [lourenco.chacon@unesp.br](mailto:lourenco.chacon@unesp.br); <https://orcid.org/0000-0001-8000-7672>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Marília, São Paulo, Brasil; [mirian.verza@hotmail.com](mailto:mirian.verza@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-0514-5263>

# A gradient case of orthographic transpositions in the primary school children's writing

## Abstract

The distribution of orthographic transpositions in children's writing was investigated as they happened in permutations, intersyllabic transpositions and intrasyllabic transpositions forms. 63 textual productions made by children from the First Cycle of Primary School were analyzed. The results have shown: (1) predominance of transposition successes over errors; and (2) predominance of intrasyllabic over intersyllabic transpositions and permutations. These two types of predominance demonstrate: as for (1), the importance of not analyzing orthographic errors for themselves, but for their relation to orthographic successes; and as for (2), the greater proximity of intrasyllabic transpositions with correctness, considering they involve the displacement of only one grapheme within the same syllable of the word, while intersyllabic transpositions involve a grapheme and two syllables, and the permutations two graphemes and two syllables of the word.

**Keywords:** orthographic transpositions; children's writing; syllable.

## Introdução

A escrita infantil tem merecido constantes investigações em campos de conhecimento como os da saúde e da educação, embora orientadas por preocupações distintas. No campo da saúde, tais investigações visam, sobretudo, descrever/definir o desempenho ortográfico de crianças, bem como criar programas de intervenção clínica para crianças com diagnóstico de transtornos ou de atrasos na aprendizagem. No campo da educação, as investigações visam propor melhores práticas de alfabetização para a redução do que, por exemplo, Leite, Cidrim e Madeiro (2018), De Souza e Brandão (2020) e Pereira *et al.* (2018) chamam de dificuldades ortográficas.

Dentre as investigações conduzidas nesses dois campos, autores como Gonçalves e Guedim *et al.* (2017), Guaresi *et al.* (2017), Donicht, Ceron e Keske-Soares (2019) e Wilsenach (2019) condicionam a aprendizagem da leitura e da escrita<sup>3</sup> ao que, na perspectiva em que se inserem, é entendido como habilidades de consciência fonológica.

---

3 Destaque-se, a propósito, mais um aspecto de trabalhos desenvolvidos nos campos da saúde e da educação, como os de Zuanetti *et al.* (2016), Calil e Pereira (2018) e Donicht, Ceron e Keske-Soares (2019): ao se referirem ao que chamam de leitura e de escrita, seus autores reduzem o fenômeno da leitura à decodificação do aspecto fonológico da ortografia, ou seja, à conversão grafema-fonema, e reduzem o fenômeno da escrita à codificação, ou seja, à relação fonema-grafema. Assim, ao apontarmos características desses estudos, entenda-se, neles, por leitura e por escrita, essa redução.

O argumento para essa postulação é o de que, quando segmentada, a fala levaria a criança ao entendimento da relação fonema/grafema, possibilitando-lhe diminuição de suas dificuldades ortográficas e melhor desempenho em suas tarefas de leitura e de escrita. Esses autores postulam, ainda, que tal consciência, além de ser um pré-requisito para a aprendizagem da leitura e da escrita, seria necessária para a detecção de crianças que apresentam o que eles chamam de transtornos de aprendizagem.

Diferentemente das investigações desenvolvidas sob essa primeira visão, mesmo no campo da saúde e da educação, outras investigações (cujos autores apontaremos mais à frente) se voltam para a escrita infantil, mas ancoradas em preceitos de estudos feitos no campo linguístico. As investigações conduzidas sob essa segunda visão se orientam, sobretudo, por um primeiro pressuposto teórico: o de que, entre fala e escrita suas relações não são diretas, espelhadas. Outros pressupostos teóricos delas são os de que “[...] a aquisição da escrita é parte do processo mais amplo de aquisição da linguagem [e de que] os erros (orto)gráficos revelam os conhecimentos da criança sobre a estrutura sonora de sua língua [...]” (MIRANDA, 2019, p. 3827).

Portanto, nessa segunda visão, a ortografia que, de algum modo, foge às convenções ortográficas (ou seja, a ortografia não convencional) é entendida como constitutiva da aquisição da escrita. Em acréscimo, ainda que a fuga a essas convenções se mostre sob a forma de erros ortográficos, mais um pressuposto teórico orienta o olhar para eles: o de que tais erros não significariam um ‘não acerto’, pois “[...] raramente foge[m] a algo que, de certo modo, não seja suscitado pela própria língua ou pelas regras que orientam a correspondência grafema/fonema.” (CHACON *et al.*, 2016, p. 84).

Em outras palavras, nessa segunda visão, parte-se do pressuposto teórico de que a atenção ao funcionamento das características fonológicas da língua ajudaria a explicar a ocorrência e o funcionamento dos erros ortográficos, sem que a não convencionalidade seja vinculada a patologias ou a problemas de aprendizagem. Portanto, os autores que nela se inscrevem não enfocam os erros ortográficos em si mesmos, mas os veem na relação que mantêm com aspectos fonológicos da língua – como as classes fonológicas, a estrutura da sílaba e o acento.

A segunda visão difere, pois, da primeira, já que, nesta última, não há preocupação em se explicarem os possíveis vínculos entre os erros ortográficos e suas características fonológicas. Nela, por meio de tarefas de consciência fonológica, o que se busca é padronizar o aparecimento desses erros, na medida em que poderiam indicar sintomas de transtorno ou sinais de dificuldade de aprendizagem.

Chamamos ainda a atenção para o fato de que, em estudos desenvolvidos sob a segunda visão – como os de Paschoal (2017), Pezarini (2017), Vaz (2020), Vaz e Chacon (2020) e Amarante *et al.* (2020) –, se observa mais um pressuposto teórico: esses autores

investigam os erros ortográficos em sua relação com os acertos, já que os categorizam conforme sua maior ou menor distância em relação às convenções ortográficas.

Para a análise da relação entre erros e acertos, Paschoal (2017), Pezarini (2017), Vaz (2020) e Amarante *et al.* (2020), por exemplo, basearam-se na classificação dessa relação proposta por Chacon e Pezarini (2018). Destacaremos um aspecto que consideramos central dessa categorização:

[...] nas omissões, sequer há o registro ortográfico do fonema. Nesse sentido, elas se encontram num plano diferente, em natureza, daquele das transposições e das substituições, uma vez que, nestas últimas, já se verifica o registro ortográfico do fonema pretendido. No entanto, mesmo que essa presença seja verificada, ela também se mostra em diferentes planos, uma vez que, nas transposições, o registro do fonema é oscilante quanto à sua posição convencional e, nas substituições, o grafema, embora indevido, já ocupa a posição convencionalmente esperada para ele. (PEZARINI; CHACON, 2017, p. 779).

Pode-se notar que, para os autores, a gradiência acontece, pois identificam diferentes graus de distanciamento entre a natureza e o tipo desses erros e o acerto. As omissões estariam mais distantes do acerto, já que, nos pontos em que ocorrem, sequer se verifica o registro ortográfico do fonema a que os grafemas omitidos remeteriam. Já nas transposições, verifica-se esse registro; no entanto, ele ocorre fora da sua posição estrutural no interior da sílaba e/ou da palavra. Por fim, nas substituições, o fonema é ortograficamente registrado em sua posição estrutural, embora o registro se dê por meio de um grafema que não corresponda convencionalmente ao fonema nessa posição.

No presente estudo, seguindo a mesma proposta de classificação e gradiência dos erros ortográficos, perguntamo-nos: como se daria a distribuição das transposições ortográficas nas produções textuais de crianças, já que, além de fenômeno gradiente em relação ao acerto e aos demais tipos de erro, as transposições apresentam gradiência em seu próprio interior? Fazemos essa pergunta porque, diferentemente do que ocorre com as omissões e as substituições ortográficas, as transposições vêm merecendo muito pouca atenção por parte da literatura.

Observe-se que Chacon e Pezarini (2018) classificam as transposições ortográficas como deslocamentos de grafemas de sua posição original para uma não convencional no interior da palavra. Esse tipo de erro, de acordo com os autores, pode se dar sob forma de permutas, de transposições intersilábicas e de transposições intrasilábicas. Os autores observam uma gradiência nesses três tipos em relação ao acerto, uma vez que: (i) nas permutas, há um intercâmbio de dois grafemas, por exemplo, na palavra SERENA registrada como SENERA; (ii) nas transposições intersilábicas, há o deslocamento de um grafema de uma sílaba para outra da mesma palavra, por exemplo, na palavra

DENTRO registrada como DRENT0; por fim, (iii) nas transposições intersilábicas, há o deslocamento de um grafema de uma posição para outra no interior de uma mesma sílaba, por exemplo, na palavra PERGUNTA registrada como PREGUNTA.

Conforme antecipamos, a literatura privilegia a análise de erros classificados como omissão e substituição. Encontramos apenas dois estudos que investigaram, especificamente, o tipo de erro ortográfico de nosso interesse. Passemos às suas descrições.

Coelho (2016) investigou a relação entre transposições ortográficas e a estrutura da sílaba na escrita infantil. Para tanto, a autora quantificou o registro das transposições ortográficas e comparou sua distribuição conforme ocorressem sob a forma de transposições intersilábicas e intrassilábicas. Como resultado, a autora não observou diferença estatística na distribuição das transposições em função desses seus dois tipos.

Já Pachalski e Miranda (2019) analisaram o que denominaram como *metáteses da escrita*, entendidas como processo fonológico de reordenamento dos sons na palavra. Por enfatizarem tal reordenamento na ortografia de palavras, as autoras também o interpretaram como processo fonológico. Pachalski e Miranda (2019) classificaram em dois tipos esse reordenamento: como (i) metáteses segmentais simples (aquelas que envolveram deslocamentos de apenas um grafema no interior da palavra, por exemplo, a palavra “lugar” ortografada como \*lugra); e como (ii) metáteses segmentais duplas (aquelas que envolveram deslocamentos de dois grafemas no interior da palavra, por exemplo, a palavra “tonelada” ortografada como \*tolenada. As autoras observaram maior ocorrência do tipo segmentais simples quando comparadas às segmentais duplas.

Concordando com os princípios de que (i) a escrita não convencional mostraria “[...] conflitos da criança com as características do sistema ortográfico do [português brasileiro]” (CHACON; PEZARINI, 2018, p. 780) e de que (ii) diferentes tipos de erros apresentam diferentes naturezas – sugerindo, então, uma gradiente entre os erros em relação ao acerto –, o presente estudo teve como objetivo observar a distribuição de um tipo de erro ortográfico pouco abordado pela literatura, porém, presente nas produções textuais de crianças do Ensino Fundamental I, a saber: as transposições ortográficas. Conforme se pode depreender da apresentação que fizemos desse fenômeno, trata-se, em síntese, de deslocamentos de grafemas no interior da palavra que podem se dar, em seu movimento de maior para menor distância em relação ao acerto, de três maneiras: (1) permutas; (2) transposições intersilábicas; e (3) as transposições intrassilábicas.

Nosso estudo se assenta, primeiramente, na ampliação das investigações feitas por Coelho (2016) e por Pachalski e Miranda (2019), na busca de preencher lacunas presentes na literatura referente às transposições ortográficas, especialmente em razão da escassez de investigações que se voltam especificamente para esse tipo de erro

ortográfico. Nosso estudo se assenta, ainda: (1) na preocupação de que trabalhos como os de Gonçalves-Guedim *et al.* (2017), Guaresi *et al.* (2017), Donicht, Ceron e Keske-Soares (2019) e Wilsenach (2019) não analisam as diferentes naturezas dos erros ortográficos; e (2) na preocupação de que erros ortográficos são – ainda – vistos como indícios de patologias ou de dificuldades de aprendizagem da criança – como se observa, por exemplo, em Leite, Cidrim e Madeiro (2018) e em Pereira *et al.* (2018).

## Material e método

Foram utilizadas produções textuais infantis que compõem um banco de dados que subsidia investigações do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq). Os dados foram coletados em uma escola pública estadual de ensino fundamental em um município do interior de São Paulo, por pesquisadores do GPEL, durante o segundo semestre de 2016. Participaram da investigação crianças do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental I (duas turmas do primeiro ano, uma turma do segundo ano, uma turma do terceiro ano, duas turmas do quarto ano e uma turma do quinto ano).

Tais produções foram baseadas em quatro propostas de escrita de narrativas após sua contagem oral por parte da professora das salas das crianças. Todas as crianças dos cinco anos escolares em questão escreveram seus textos baseados nas mesmas narrativas. Posteriormente, as produções foram recolhidas para análise por pesquisadoras do GPEL.

Foram excluídas da amostra produções de crianças que não receberam autorização dos pais ou dos responsáveis para participarem da pesquisa. Essa autorização se deu mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Feitas as exclusões, chegou-se a um total de 508 produções textuais de 106 crianças. A constituição do banco foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, *campus* de Marília, sob o número 4.009.780.

Embora o banco de dados tenha sido composto por um total de 508 produções textuais de 106 crianças, foram utilizadas em nossa análise apenas as produções em que houve o registro de algum tipo de transposição ortográfica. Após o descarte das produções em que não houve nenhum registro de transposições, o *corpus* final para análise foi composto por um total de 63 produções textuais de 44 crianças.

Para responder ao nosso objetivo, quantificamos a presença das transposições ortográficas de modo a detectar sua gradiência interna. Para tanto, verificamos sua distribuição conforme se desse sob a forma de permutas, de transposições intersilábicas e de transposições intrasilábicas.

A gradiência proposta nessa classificação ocorre já que:

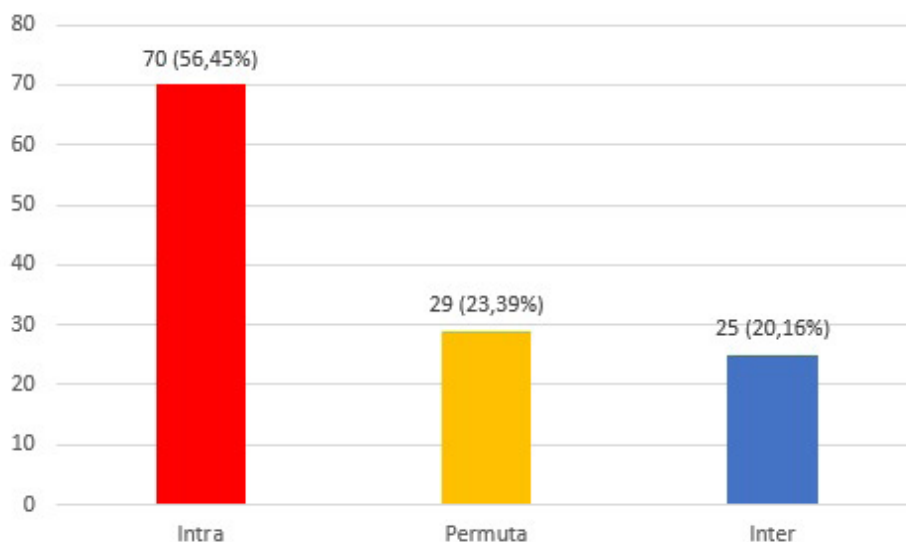
[...] nas permutas, são dois os grafemas envolvidos na transposição, diferentemente do que ocorre nas situações inter e intrassilábicas, nas quais apenas um grafema é mobilizado na transposição. No entanto, mesmo quando apenas um grafema se desloca de sua posição convencional, esse deslocamento pode ser gradiente, uma vez que, nas transposições intersilábicas, duas sílabas da palavra são afetadas, ao passo que, nas intrassilábicas, apenas uma sílaba é afetada. (CHACON; PEZARINI, 2017, p. 780).

Buscamos, portanto, realizar um estudo transversal quanti/qualitativo. Nele, para análise descritiva e inferencial dos resultados, utilizamos o teste *ANOVA One Way* de medidas repetidas, adotando  $(\alpha) \leq 0,05$  como nível de significância. Consideramos a frequência de ocorrência das transposições como *variável dependente* e os três diferentes tipos de transposições como *variável independente*. A realização desse teste mostra – a partir dos resultados da média e do desvio padrão – se a frequência de ocorrência dos tipos de transposição se diferencia estatisticamente entre eles.

## Resultados

Nos 63 textos que continham algum tipo de transposição ortográfica, encontramos um total de 124 ocorrências. Quanto à sua distribuição: em maior quantidade, ocorreram as transposições intrassilábicas (56,45%); depois, as permutas (23,39%); por fim, as intersilábicas (20,16%). Os resultados dessa distribuição estão expostos no Gráfico 1:

**Gráfico 1.** Distribuição das transposições ortográficas



**Fonte:** Elaboração própria

Seguem-se exemplos dos três tipos de transposições ortográficas registradas nas produções textuais analisadas:

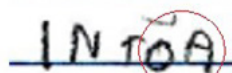
(1)



(2)



(3)



Como se pode observar: em (1), ocorreu uma transposição do tipo intrassilábica na palavra “voando”, já que o grafema <n> se deslocou da posição original, de coda medial, indo para a posição de ataque, mas continuando na mesma sílaba da palavra; em (2), ocorreu uma transposição do tipo intersilábica na palavra “açúcar”, já que o grafema <r> se deslocou de sua posição de coda final da sílaba final da palavra indo para a posição de coda medial de sua sílaba anterior; e, em (3), ocorreu uma permuta entre os grafemas <a> e <o> que trocam de posição na sílaba “tão” da palavra “então”.

Abaixo, na Tabela 1, apresentamos a análise descritiva e inferencial para cada tipo de transposição ortográfica. De acordo com a ANOVA *One Way* de Medidas Repetidas, o Teste de Mauchly indicou que a assunção de esfericidade foi violada ( $p = 0,002$ ). Portanto, reporta-se o teste corrigido de Huynh-Feldt. Conforme se verá na Tabela 1, o resultado do teste indicou que as transposições ortográficas se diferenciam estatisticamente de acordo com seu tipo, diferenciação possível de ser observada a partir do valor de  $F = (1.63, 70.19) = 6,474$  e de  $p = 0,005$ . Ou seja, as transposições intrassilábicas se diferenciaram das intersilábicas e das permutas. Esse resultado é possível de se observar, pois a média de ocorrências das transposições intrassilábicas foi consideravelmente maior do que média de ocorrências dos demais tipos de transposições:

**Tabela 1.** Valores de média e desvio-padrão por tipo de transposição silábica

<b>Tipo de transposição</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio-Padrão</b>
Intrassilábica	1,59	1,933
Intersilábica	0,57	1,108
Permutas	0,66	0,914

**Fonte:** Elaboração própria



## Discussão

A partir desses resultados, detectamos duas tendências: (1) baixa ocorrência de transposições ortográficas, corroborando resultados encontrados em Coelho (2016) e em Pachalski e Miranda (2019); e (2) gradiência interna às transposições em relação ao acerto. Essa gradiência é mostrada, pois, diferentemente de uma distribuição linear ou equitativa, as transposições ortográficas mostram um funcionamento interno diversificado. Como vimos, prevaleceram as transposições intrassilábicas, justamente aquelas menos distantes do acerto. Essa menor distância se mostra porque, nelas, se dá o deslocamento de apenas um grafema e em uma única sílaba da palavra, enquanto nas intersilábicas, embora também se dê o deslocamento de um único grafema, ele envolve duas sílabas da palavra e, nas permutas, se dá o deslocamento de dois grafemas em uma ou mais de uma sílaba da palavra.

Em relação à primeira tendência, vê-se, pois, que, pelo menos no que se refere às transposições, o efeito das convenções ortográficas se mostra na escrita das crianças, já que, de 508 produções textuais de 106 crianças, as transposições se mostraram em apenas 63 produções textuais de 44 crianças. Nossos resultados corroboram, assim, aqueles descritos em Coelho (2016) e em Pachalski e Miranda (2019), estudos em que as autoras também identificaram baixa ocorrência de transposições ortográficas – para Coelho (2016) – e de metáteses na escrita – para Pachalski e Miranda (2019).

Destaque-se que esse resultado, além de corroborar tendência apontada pelos estudos supracitados sobre as transposições, corroboram também tendência apontada em estudos que investigaram substituições e, ainda, omissões ortográficas, como os de Paschoal (2017), de Vaz (2020) e de Amarante *et al.* (2020). Trata-se de estudos que, ao investigarem substituições e omissões ortográficas, as analisaram em função dos acertos ortográficos, na medida em que quantificaram e compararam o registro de erros com o de acertos. Nesses estudos, os autores observaram diferenças significativas entre a ocorrência de acertos e a ocorrência de erros – o que permite afirmar que, mesmo na escrita inicial, os grafemas tendem muito mais a ser registrados como acertos do que como erros (no caso das transposições e das substituições) ou, ainda, de serem registrados do que não o serem (no caso das omissões).

Chamamos a atenção para essa tendência pelo fato de que Pereira (2017), Sampaio *et al.* (2017), Pereira *et al.* (2018), Sampaio *et al.* (2019), Zacharias-Carolino e Osti (2020), ao investigarem a ortografia infantil, desconsideram o aparecimento dos acertos e o real impacto dos erros quando vistos em sua relação com os acertos. Essa forma de análise, muitas vezes, pode atribuir ao erro ortográfico o estatuto de um “não saber” por parte da criança, quando, a nosso ver, pelo (seu) erro, a escrita da criança mostra a maior ou menor distância dele em relação ao acerto. Desconsiderar essa relação impossibilita, pois, a apreensão de uma visão geral do desempenho ortográfico da criança, o que, muitas vezes, pode resultar em diagnósticos apressados de dificuldades de aprendizagem.

Em relação à segunda tendência, observamos oscilação na trajetória da criança rumo à ortografia convencional, pois, diferentemente de uma distribuição contínua das transposições – do tipo permutas, intersilábicas e intrassilábicas –, ou seja, de um ranqueamento das mais complexas para as menos complexas, os resultados sugerem uma presença descontínua delas na escrita infantil. Como mostramos na exposição dos resultados, mais da metade das transposições foi do tipo intrassilábica, ou seja, uma transposição que envolve um grafema e uma sílaba, enquanto as outras envolvem – no caso das transposições intersilábicas – um grafema e mais de uma sílaba e – no caso das permutas – dois grafemas e uma ou duas sílabas.

Essa descontinuidade de distribuição das transposições sugere, em maior grau, como a complexidade da organização da sílaba se mostra na escrita infantil e, em menor grau, como essa complexidade, bem como a da própria estrutura da palavra, se mostram, ao mesmo tempo, nessa escrita. Fazemos essa sugestão pelo fato de nossos resultados mostrarem o predomínio das transposições intersilábicas sobre as intrassilábicas e as permutas, o que permite pensar que a estrutura da sílaba é um fator de crucial importância a ser levado em consideração na investigação das transposições ortográficas. Essa sugestão reforça resultados a que chegaram Pachalski (2019) e Amarante *et al.* (2020), que estudaram o registro ortográfico de crianças em posições complexas da sílaba. Mesmo o tipo de fonema parece influenciar as transposições, segundo esses estudos. Desse modo, sugerimos, na realização de investigações específicas sobre as transposições ortográficas, observar suas possíveis relações com categorias fonológicas como a sílaba (ou, mais especificamente, sua organização interna) e os fonemas a que remetem os grafemas envolvidos nas transposições.

O predomínio de transposições intrassilábicas sugere, por fim, mesmo no erro, sua menor distância em relação ao acerto, se levada em consideração a distância que as transposições intersilábicas e as permutas mantêm com o acerto. Desse modo, mostra-se eficaz a proposta de uma gradiência na relação entre acertos e erros, na medida em que ela indicia não só a maior ou menor distância do erro em relação ao acerto como, ainda, a própria qualidade do erro. Com efeito, do mesmo modo que omissões, transposições e substituições mostram-se qualitativamente diferentes dos acertos, também no próprio interior das transposições, em sua gradiência, é possível detectar, já nelas, sua diferença de qualidade. Portanto, nas escritas que analisamos, a palavra ortográfica das crianças, mesmo no início de alfabetização, já se encaminha para sua forma convencional, fato indicado pelo predomínio quantitativo e qualitativo das transposições intrassilábicas em nossos dados.

## **Conclusão**

Descrevemos a distribuição de um tipo de erro ortográfico presente na escrita infantil, a saber, as transposições ortográficas. Pudemos, com base nos resultados a que chegamos,

confirmar nossa hipótese de partida: a da existência, embora descontínua, de uma gradiência interna das transposições em relação ao acerto. Pudemos, ainda, observar: (1) a importância de se ver o erro não em si mesmo, como preferencialmente o faz grande parte da literatura, mas, sim, em sua relação com o acerto; e (2) a complexidade do erro ortográfico, já que ele mostra, de modo gradiente, diferentes formas de (sua) relação com o acerto.

Esperamos, com essa investigação, contribuir para um melhor entendimento das grafias não convencionais na escrita infantil por parte de professores e de demais profissionais que se voltam para a escrita infantil, o que pode contribuir, enfim, para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e clínicas mais eficazes com a escrita infantil.

Esperamos, por fim, que nossa investigação abra espaço para novas investigações sobre as transposições ortográficas, a fim de se compreender quais aspectos linguísticos melhor explicariam sua distribuição na escrita infantil.

## Agradecimentos

Às instituições de fomento à pesquisa e à pós-graduação no Brasil: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo 2020/05114-8; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processos 307721/2017-5 e 305639/2021-8; e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## Referências

AMARANTE, M. V. *et al.* Ortografia dos fonemas /l/ e /r/ em posições complexas na escrita infantil: uma análise comparativa. *CoDAS*, São Paulo, v. 32, e20190245, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/Br9hSCfKQDWf58VrrKMhs8v/?lang=pt>. Acesso em: 05 maio 2021.

CHACON, L.; VAZ, S.; PASCHOAL, L.; PEZZARINI, I. O. Classes fonológicas e ortografia infantil. *Revista do GELNE*, Natal, v. 18, p. 105-125, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11199/7936>. Acesso em: 05 maio 2021.

CHACON, L.; PEZZARINI, I. O. Gradiência na correspondência fonema/grafema: uma proposta de caracterização do desempenho ortográfico infantil. In: CÉSAR, A. B. P. C.; SENO, M. P.; CAPELLINI, S. A. (org.). *Tópicos em transtornos de aprendizagem: parte IV*. São José dos Campos: Pulso, 2018. p. 165-177.

COELHO, B. C. *Transposições ortográficas e estrutura da sílaba na escrita infantil*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

DE SOUZA, C. A.; BRANDÃO, J. D. P.; DE MELO, C. R. C. Análise das dificuldades ortográficas por meio de análise de produção de textos. *Revista Educação In Loco*, v. 1, n. 1, p. 111-125, 2020.

DONICHT, G.; CERON, M. I.; KESKE-SOARES, M. Erros ortográficos e habilidades de consciência fonológica em crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico. *CoDAS*, São Paulo, v. 31, e20170212, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/codas/a/cqR98zvts5RqJmZzzJRzKSp/?lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2021.

GONÇALVES-GUEDIM, T. F. *et al.* Desempenho do processamento fonológico, leitura e escrita em escolares com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. *Revista CEFAC*, v. 19, n. 2, p. 242-252, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/wsH686JKCNFBjYLTNfzd9Yy/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2021.

GUARESI, R. *et al.* A consciência fonológica e o vocabulário no aprendizado da leitura e da escrita na alfabetização. *Revista (Con) textos Linguísticos*, v. 11, n. 18, p. 97-109, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/15400>. Acesso em: 20 fev. 2021.

LEITE, R.; CIDRIM, L.; MADEIRO, F. *Descrevendo*: um aplicativo para intervenção em erros ortográficos por apoio da oralidade em crianças disléxicas. 2018.

MIRANDA, A. R. M. As sílabas complexas: fonologia e aquisição da linguagem oral e escrita. *Fórum Linguístico*, v. 16, n. 2, p. 3825-3848, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n2p3825>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PACHALSKI, L.; MIRANDA, A. R. M. A metátese na aquisição da escrita: simetrias e assimetrias entre fonologia e ortografia. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 20, n. 2, p. 233-256, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/151909>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PACHALSKI, L. *A grafia de sílabas complexas na aquisição da escrita*: relações entre fonologia e ortografia. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

PASCHOAL, L. A. *et al.* Characteristics of fricatives consonants orthography in Brazilian children. *Audiology – Communication Research*, v. 19, n. 4, p. 333-337, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/NYpt6Ymxr3rTmqvwh9hC4Zk/?lang=en>. Acesso em: 18 dez. 2020.

PASCHOAL, L. A. *Características fonético-fonológicas e ortográficas de fonemas fricativos na escrita infantil*. 2017. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2017.

PEREIRA, C. S. *Desempenho ortográfico de estudantes com TDAH: estudos sobre a tipologia de erros da língua portuguesa*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PEREIRA, C. S. *et al.* Desempenho ortográfico de estudantes com e sem Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. *Revista CEFAC*, v. 20, p. 409-421, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/3pbxqb4vvtFJHtdzXFkSnrr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PEZARINI, I. O. *et al.* Relações entre aspectos ortográficos e fonético-fonológicos de fonemas oclusivos. *Revista CEFAC*, v. 17, n. 3, p. 775-782, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/mnGTCXz5CjjqSMXrKxnRSzK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PEZARINI, I. O. *Caracterização do desempenho ortográfico de fonemas oclusivos na escrita de crianças em início de alfabetização*. 2017. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2017.

SAMPAIO, M. N. *et al.* Desempenho ortográfico de escolares no uso de material de apoio a um programa de intervenção ortográfica. In: ANDRADE, D. F. *et al.* (org.). *Educação no Século XXI – Volume 48 – Práticas Pedagógicas*. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2019. p. 7-12.

SAMPAIO, M. N. *et al.* Desempenho ortográfico de escolares do ensino particular e público: estudo de caracterização e relação. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 34, n. 3, p. 399-410, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/bLymRJhLRGMd7KCkRNcmvnx/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

VAZ, S. *et al.* Characteristics of the acquisition of sonorant consonants orthography in Brazilian children from a São Paulo municipality. *CoDAS: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, p. 230-235, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/d99Fj7J6SjmJjFTZmkwQpTb/?format=html&lang=en>. Acesso em: 10 dez. 2020.

VAZ, S.; CHACON, L. Coocorrência de traços fonológicos em substituições ortográficas de fonemas soantes. *CoDAS*, São Paulo, v. 32, n. 2, e20180205, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/cBLjYVLJvgzkhqVrcWTtqXN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2021.

WILSENACH, C. Phonological awareness and reading in Northern Sotho-Understanding the contribution of phonemes and syllables in Grade 3 reading attainment. *South African Journal of Childhood Education*, v. 9, n. 1, p. 1-10, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/333015353\\_Phonological\\_awareness\\_and\\_reading\\_in\\_Northern\\_Sotho\\_-\\_Understanding\\_the\\_contribution\\_of\\_phonemes\\_and\\_syllables\\_in\\_Grade\\_3\\_reading\\_attainment](https://www.researchgate.net/publication/333015353_Phonological_awareness_and_reading_in_Northern_Sotho_-_Understanding_the_contribution_of_phonemes_and_syllables_in_Grade_3_reading_attainment). Acesso em: 15 maio 2021.

ZACHARIAS-CAROLINO, A. G.; OSTI, A. Desempenho na escrita de estudantes pertencentes aos anos finais do ensino fundamental I. *Revista Psicopedagogia*, v. 37, n. 114, p. 314-326, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-84862020000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862020000300005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 13 jun. 2021.